MARUZIA DE ALMEIDA DULTRA

CORPOGRAFIAS:
INCURSÃO EM PELE IMAGEM ESCRITA PENSAMENTO

São Paulo
2012

MARUZIA DE ALMEIDA DULTRA

CORPOGRAFIAS:

INCURSÃO EM PELE IMAGEM ESCRITA PENSAMENTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Área de concentração Poéticas Visuais, Linha de Pesquisa Multimeios, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Orientação: Prof^a Dr^a Branca Coutinho de Oliveira

São Paulo

2012

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho,
por qualquer meio convencional ou eletrônico,
para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

Catalogação na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Dultra, Maruzia de Almeida

Corpografias : incursão em pele imagem escrita pensamento / Maruzia de Almeida
Dultra – São Paulo : M. A. Dultra, 2012.
200 p. : il. + anexos

Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Orientadora: Branca Coutinho de Oliveira

1. Corpo 2. Corpo do pensamento 3. Pesquisa 4. Criação 5. Corpografia I. Oliveira,
Branca Coutinho de II. Título

CDD 21.ed. – 700

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes Visuais, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Aprovada em: ____/____/____.

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a _____

Instituição _____

Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____

Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____

Assinatura _____

a minha mãe
a Bi

Agradecimentos

A Branca de Oliveira, orientadora deste trabalho, pelos atravessamentos todos que compõem este corpo

A Silvia Laurentiz, pela confiança de ter iniciado comigo esta pesquisa

A Christine Greiner, pelo olhar sensível e atento no Exame de Qualificação

A Peter Pál Pelbart, pelos assombramentos em lampejo, e pelas indicações à primeira versão desta dissertação

A Luciana Ohira e Isabela Sanches, pela tenacidade com que ajudaram a erguer este trabalho

A Marilu Beer, pela exultante presença

Aos colegas do Atelier Paulista, Monica Palazzo, Heloisa Etelvina, Constança Lucas, Fernanda Morais, Marcelo Peron, Pedro Perez, pelos despertares, em especial a Monica Berto, Flávia Ferreira, Fernando Saiki, Sergio Bonilha, Ana Guimarães, Kátia Salvanny, Bruno Ferreira, Karina Takiguti, Silvia Nastari, Estela Vilela e Paula Zacaro pelas colaborações

A Maria das Graças Pessoa, pelo zelo constante, dedicando-me carinhosas doses de cafeína

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo consentimento da bolsa de estudos que possibilitou a realização desta pesquisa

A Filipe Ferreira e Giuliano Obici, pela agudeza da escuta

Aos colegas do Núcleo de Estudos da Subjetividade (PUC-SP), pelo exercício clínico, em especial a Élide Lima, pelo encontro

A Dario Vargas e Diego Ginartes, pela fiel *compañía*

A Patrícia Defilipo, pelos abrigos mínimos e maiores

A Tereza Embiruçu, Valentina Cotrim, em especial Maíra Marinho, pelo cuidado obstétrico ao embrião deste curso de Mestrado

A Camilo Domingues e Hortência Nepomuceno, pelo apoio incondicional

A minha querida família, pelo bálsamo, sutileza também necessária a uma tarefa como esta.

Resumo

Corpografias: incursão em pele imagem escrita pensamento abarca, sob certos aspectos e intensidades, a dinâmica de experimentação do pensamento num contexto acadêmico. Para tanto, realiza-se como diário e caderno, que cartografam a investigação empreendida, textual e plasticamente, expondo o constituir-se da pesquisa através de um corpo sensível. A forma de composição e apresentação do trabalho ressalta sua natureza híbrida, na qual estão imbricados texto dissertativo e experimentos poéticos (*Diário de corpo do pensamento* e *Caderno Decurso*). A partir dela, são discutidas as relações entre Arte, Ciência e Filosofia, inclusive a constituição disciplinar do saber. Embora não seja o tema central da pesquisa, tal reflexão a ela se impõe, imprimindo uma dimensão política neste *fazer Ciência*.

A partir das ideias de Michel Foucault (1966) sobre as heterotopias e o corpo utópico, soma-se, às discussões sobre o corpo do pensamento, a noção de corpo heterotópico. Sendo este trabalho um dispositivo que expressa e carrega a questão de que *um corpo poético é um corpo do pensamento*, ele problematiza o toque e seus âmbitos de alcance, propondo ao leitor o mesmo modo de operar com o qual foi realizado. É preciso investigar ainda, tatear, compor um corpo no encontro, que toca e é tocado; que busca a relação e se faz *nela*. Desmonta-se, portanto, o jargão *Que corpo é esse?*, na medida em que é salientada a condição de invenção infinita do corpo do pensamento, que não cessa de transmutar.

Palavras-chave: Corpo; Corpo do pensamento; Pesquisa; Criação; Corpografia.

Abstract

Bodyographies: an incursion into skin image writing thinking covers, in some aspects and intensities, the thinking process experimentation dynamics in an academic perspective. This research performs itself as a diary and a (note)book. Both of these, textually and plastically, make a cartography of this undertaken inquiry, turning the research doing process up through a sensible body. The composition and presentation forms of this work highlight his own hybrid nature, in which the dissertation text and the poetics experimentations (*Body of the Thought Diary* and *Course Book*) overlap one another. From this very nature, the relation between Art, Science and Philosophy are discussed, including their own notion of knowledge. This last reflection, while not the head issue of this work, imposes itself, mainly cause of the politics dimension in *doing science* process.

The Michel Foucault ideas of *heterotopies* and *utopian body* (1966) were taken for this work purposes, bringing the concept of *heterotopic body*. As this work is a device that manifests and carries the issue that *the poetic body is a body of the thought*, it argues the very *touch* and its extent, affording the reader just the same way to perform him/herself. It's still necessary to investigate, feel, draw up a *body-in-rendezvous*, that touches and is touched; seeks for relation and exists only in relation. Thus, the question "What body is this?" is disassembled, as infinite invention is a real condition for *body of the thought*, that doesn't stop transmuting itself.

Keywords: Body; *Body of the thought*; Poetic Research Process; Creation Process; *Bodygraphy*.

Estrutura da dissertação

Corpar OK

Cadernos de curso

Um corpo ao pensamento

Corpo e espaço: onde é o onde do corpo?

O Corpo utópico, por Michel Foucault

Corpos outros: das utopias às heterotopias do corpo

Corpo e acontecimento

Corpo fissurado: da fissura aos corpos do pensamento

O dançar do corpo de escrita

Um corpo ao pensamento ou Fabricação de corpos poéticos

Dermoteca: escrever, apagar, inventar a pele

Textura, uma operação

Dos experimentos poéticos

Sobre Caderno Decurso

Sobre Diário de corpo do pensamento

Cintilações do ENTRE

Conhecer uma pergunta irrespondível

Referências

Bibliográficas

Outras

Experimentos poéticos

Diário de corpo do pensamento

Caderno Decurso

*Sob os dedos do outro que te percorrem,
todas as partes invisíveis do teu corpo se põem a existir*

Michel Foucault

Demorei em entender que, embora tão distintas, apenas um triz separava as experiências anteriores, realizadas através da Faculdade de Medicina, Faculdade de Comunicação e Escola de Dança, na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Que tais estudos continham a mesma questão latente. Esse caminho sempre corpo.

Corpo paciente, que toquei: pele com pele: outra temperatura, outra respiração, outra dor; esquadrinhadas em nome das evidências, formolizadas em peças anatômicas, coração-músculo, rosto seccionado, metade superficial, metade profundo, ossos desmontados, envernizados e pendurados; alguma vida interrompida. Tornada coisa. Alguma vida continuada.

Corpo imagem, que imaginei, apesar do acurado treinamento para relatar fatos (anamneses, história da doença, história pregressa; depois, fontes, entrevistas, matérias...). Pois foi inventando roteiro de sensações que conheci outro modo: escrever com imagens. Ações entregues ao vídeo – e a elas, ele. A lente destacando da pele ainda mais imagem; alguma vida a um só tempo recortada e ampliada. Tornada vídeo.

Corpo dançante, que acompanhei e, por videografar com seus passos, também me desloquei. Achava que era só o olhar, a câmera, mas meu corpo estava inteiro lá. Vi-me pele. Entre avatares, cabos, telas, suores, lycras, luzes, palco, cortina, plateia, linóleo, pele, figurino, cenário, sinal, fita crepe, cabos, cabos, cabos, pele, curativo, pele, pele; alguma vida. Tornada risco.

Corpo do pensamento, este.

Metamorfosear-me pesquisadora sem corpo?

Diante do impasse, a tarefa investida nesta pesquisa foi não apenas falar e estudar sobre corpo: fazê-lo.

Por isso o dia a dia de um corpo de pensamento que se pesquisa.

Corpo este estranho ser em mim

Corpo este estranho ser

Corpo este estranho

Corpo este

Corpo

Esta dissertação abarca contradições – aquelas que me trouxeram

a este percurso e as que insurgiram dele. (Esse caminho sempre

corpo, embora ele seja sempre outro, outro corpo). A ideia era

produzir conhecimento e, quando vi, estava eviscerada – fora de

mim estando mais nele. Já não há (nunca houve) um dentro e um

fora. Quanto mais tento dizer sobre este corpo, ele menos o é. Por

isso o pensando quase alto – corpo no corpo no corpo.

Talvez coubesse um verbo?

Corpar

Comecei o curso de Mestrado buscando reconhecer um problema:

qual seria o objeto desta pesquisa? No trajeto, percebi que o problema

é que me perseguia e já fazia tempo – o tempo da vida inteira.

Diante do espelho: suspendida. Pela primeira vez estava descolada

da carne. – Por que chamavam aquilo (aquele corpo) de Maruzia?

(E eu via aquela imagem com os mesmos olhos que avistava nela).

Eu objeto e sujeito. Eu coisa

Coisa nominada

Mencionar esse encontro é uma pista para compreender sua cisão

– corpo imagem corpo. É mostrar a marca mobilizada por esta

pesquisa. Nesse jogo especular, já não há como dizer de objetos,

nem de sujeitos, muito menos do eu. Aqui não era para ser um

caderno, nem diário – isto é uma dissertação. Mas

uma
coisa
será a
outra

A proposta inicial desta pesquisa era realizar um panorama

da produção audiovisual no Brasil, através do projeto “Vídeo

interativo: possibilidades, limites e reapropriações artísticas”.

Na tentativa de defnir esse tipo de vídeo, esboçou-se a ideia do

corpoimagem – espécie de imagem que sente, como a pele.

Deste ponto, questões acerca da imagem, do corpo e do

pensamento provocaram novas inflexões ao projeto, deslocando o

corpus da pesquisa: a pele tomada como imagem, e o pensamento,

como corporesultou, pois, no trabalho aqui apresentado.

A proposta intuída e instituída em ***Corpografias: incursão em pele***

imagem escrita pensamento é de texturas do pensamento:

sua busca como método, seu encontro como corpo e seu

reconhecimento como grafia.

Assim, esta pesquisa suscita a experiência de auscultar o corpo

do pensamento. Uma vez que ele é, simultaneamente, fala, visão

e escuta, toma-se o desafio de alçá-lo de maneira tal que esse

processo não o aliene. Para tanto, esta dissertação realiza-se sob

a forma de diário e de caderno, que cartografam a investigação

empreendida. Estas corpografias são camadas que se suplementam,

uma vez que podem atuar de forma independente e, quando

adensadas, reverberam novas intensidades.

Que corpo é esse

A palavra “livro substantivo masculino; do latim, *liber*

1. Coleção de folhas de papel, impressas ou não, cortadas, dobradas e reunidas em cadernos cujos dorsos são unidos por meio de cola, costura, etc, formando um volume que se recobre com capa resistente; 2. Considerado também do ponto de vista do seu conteúdo: obra de cunho literário, artístico, científico, técnico, documentativo etc. que constitui um volume com mais de 48 páginas, além da capa, em qualquer suporte; 3. Cada um dos volumes que compõem um livro; tomo; 4. Cada uma das partes em que se divide uma obra extensa; 5. Caderno (‘volume’) para registro ou anotação de algo; 6. Coletânea de documentos diplomáticos relativos a determinado assunto, publicados por um governo para conhecimento do público; 7. Conjunto de lâminas de qualquer material, em formato de folha, geralmente unidas umas às outras como as folhas de um livro (ex.: livro de amostras); 8. Derivação: sentido figurado – aquilo que pode ser descoberto e conhecido, como se fosse um livro (ex.: seu corpo é um livro). ”

ENHECER UMA PERGUNTA IRRESPONDÍVEL

CORPOGRAFIAS:
INCURSÃO EM PELE IMAGEM ESCRITA PENSAMENTOSão Paulo
2012

os textos diários revelam as implicações do pesquisador e realizam a sua importância à instituição científica. Falam sobre a vida campo cotidiana e mostram como, realmente, se faz a pesquisa. É o caso que não se deve dizer *eu sou*" (Lemos, 1996).

O texto diário encerra sua própria produção, liberando o conhecimento definitivo sobre o objeto.

SARIN, PAUL

Juncus repens L.

Pele, que tem que distinguir e censurar, esta sob a propriedade da ENTRE. Ela é um atrezo, o que não invalida o *A Janela de Vale* de "a sua profundidade é a pele" – a mesma condição advém sua existência. Por ser superfície de conexão, de reconhecimento e de reconhecimento, a pele pode ser relacionada aos limites da janela, do espelho e da tela. Entre são espaços de espaços – expressões de atrezo que articulam atravessamentos variadas. Espelhos, janelas e telas, cada uma a seu modo, reverberam e produzem imagens, criam mundos.

Algo que impide

Let's come aboard

Um suspeito anônimo é insuspeitável

A você, de quem não sei o rosto, exponho recônditos. Neles, conhecerá paragens, tocará em algumas até, amigo improvável. Aliás, quem sabe, em sua escolha por estas páginas, haja algo maior que o compulsório: uma afinidade guardada, uma aproximação desejada; certo afeto, ainda que secreto para si. Eis, pois, por caminhos que também não conheço, nós.

Nesse seu agora, estamos em suas mãos: depende de você, nosso encontro. Imagino, neste meu agora, seus contornos, as palpitações que te trouxeram – desejo te adivinhar. Mas é vã qualquer tentativa. Eu, que sempre tive nas cartas a segurança de um leitor conhecido, escolhido, planejado. Melhor dedicar-me ao gosto de seu anonimato – saber que vai saber-me mais do que eu a ti. Esta é nossa condição.

^{seguir}
Seguia sem saber

página cinco

os percursos. Quais ^{faziam} inflexões desajeitadas ^{faziam} curvas sobre este corpo? Quantas tomadas de tempo ^{foram} seriam apagadas no interruptor? Uma penumbra que ^{vo-}queria guardar algum vestígio. Uma encosta cimentada ao lado ^{vinha} para conter ^{os} demoramentos. Luminárias ambulantes se aproximando, chegando, em mim, e depois. A estrada continuava, afinal. Imaginava ^{tu} por onde estava indo, ^{quic} queria imaginar - ou algum desejo ^{ainda} pueril de que fosse apenas uma brincadeira sem graça, que acabava quando menos se espera. Mas estava demorando em chegar o alívio: descer na estação, caminhar calmamente, atravessar a faixa - fim da linha.

Olhei para frente e não me encontrei.
Mexia-me ansiosamente de um lado para
o outro, na tentativa de me perceber pela
movimentação que ^{de sem vontade} fazia, mas já não me
reconhecia entre ^{no desmembrar} aqueles, não na forma
com a qual estava acostumada a (me)
ver. Havia os outros e eu me confundia.
Eram tantos e em número crescente,
ficava cada vez mais difícil me detectar.
Olhei com mais atenção: fechei bem os olhos,
apertei-os e novamente. Experimentei a
sensação de realizar gestos sutis sem envergá-
los - a ilusão de olhar minha ^{US} imagem me
subtrair a capacidade de movimentos. Eles
já não coincidiam. Foi então que desisti ^{de me}
Permiti que aquela ^{aquela imagem} embarque ^{antes} fosse um ^{picar}
arrastar-me para qualquer lugar que eu ^{entre os}
não sabia, o desaguar sem fronteiras: Represa
abaixo...

a imagem
que há a não era
minha, me
classei e
nada se moveu

escrita pensa-
mento

o que
nos é
comum

EU
IMAGEM
POSSUÍ

Handwritten notes on lined paper, including the word "LIFE" and various illegible scribbles and words.

1. The first thing I noticed when I stepped
 out of the plane was the cold, crisp air. It was
 a stark contrast to the warm, humid air of the
 tropics. I had heard that the weather in
 the mountains was perfect, but I didn't realize
 how perfect it would be. The sun was shining
 brightly, and the sky was a clear, deep blue.
 The mountains were majestic, with snow-capped
 peaks and lush green valleys. The air was
 clean and fresh, and the water was crystal
 clear. It was a beautiful sight, and I
 couldn't help but feel a sense of awe and
 wonder. I had come to the right place at
 the right time.

Handwritten notes on lined paper, including the word "HIV" and various illegible scribbles.

permanente

lana fina
travessa
transpar.

E a ple quem lala

Uma barata aparentemente ^{inteira} não espalhada
reparava imóvel com o ventre à vista.

Uma aranha peçonhenta frequentava a
biblioteca cuidando para não se esbarrar
de forma fatal, nem ser esmagada. Estava
de salto, caminhava ALTO ALTO ALTO. Ela
sabia os perigos de se fazer visível, mas era
igualmente arriscado não ser vista. Eu
também ^{pairava} andava acima do chão, a quase xatos
dez centímetros, e não havia saltos.

HAVIA SIM.

Eles eram tantas vezes o declive entre um abismo

inteira

Purpura

vo^x da pele

e outro abismo. Um nunca é igual ao outro, mesmo que pareça. As inclinações também não são. Chegam serrateiras e tomam tudo, inundam. São as águas desaguadas. E, de repente, está tudo amastado, mesmo o que se deixa estagnar. A aranha não queria o encontro-colisão, mas a água sempre quer. Talvez sem disposição tamanha, mas há a força, o ímpeto, o que a leva, ela mesma, para o confronto incontínuel. Tudo se figura, então, transponível: incontornável é ela, de tanto contornar todas as coisas. **DESVIAR SERIA EXPLICITAR UMA FRAQUEZA? TENTATIVA - SE ELA NÃO CONSEGUE SE INCLINAR, ARANCA.** Mas, do ponto de vista da árvore secular e enraizada que é destruída, há intolerância e os limiares mínimos de aceitação. Para o pequeno pedregulho levado, deslocamento temporário enquanto o outro não vem. Para as matas ciliares, linhas cotidianas de corrosão -

3. ^{fora do ar} fora da água 4. falta a pele → falta a pele?
2ª força lisa do fora - só fora
1ª onda horizontal → expansão → ocupação / desocupação

que endurecem, mas estabilizam em certo grau necessário. Pois até as passagens torrenciais e trombas d'água precisam de um curso. Mesmo que ele custe o adiante inteiro.

Subitamente, o contorno definido pela pele pareceu trivial — E SE, AO INVÉS DELA, APARECESSE O AVESSO, COM AS VÍSCERAS EXPOSTAS, TODAS VISÍVEIS A OLHO NU? Tão nu que o olho já não estava mais lá. No lugar dele, extravasando a órbita, saíam retina, arteríolas e nervo. **CURIOSO? VIVA A ORDINARIEDADE CILIAR. AS BARATAS AGRADECEM A CASCA. E OS OVOS.**

Uma roupa tecida propriamente no corpo — sua voz costurada na pele. Cosida tão de perto, que já não se separa do que me constitui. Densidades imiscuidas numa mesma forma — que chamo de minha, como posse, embora seja eu que pertença a ela. Continência mútua, aliás. Ainda não prescindindo dela porque ainda não prescindimos do corpo.

SE ISSO PARECE BANAL,
O QUE HAVERIA DE DESCOLAR-SE?

indesejo

Certa incapacidade - ou falta de vontade -
de desgrudar-me dessa derme. É o
indesejo de ouvir outras ideias,
impaciência de esperar
as outras formas de dizê-las.

Mas poderia mesmo ser propiciada essa
comodidade? Como um luxo desvirtuoso?

NÃO PARECE CABÍVEL AO QUE SE PROPÕE INVESTIGAR.

Pesquisar é criar?

PENSAR É CRIAR

(E É PRECISO APOSTAR NAS IM/POSSIBILIDADES...)

QUE OS LABORATÓRIOS ERGAM-SE EM PORÕES E
TERRAÇOS DISTINTOS QUE ÀS VEZES COINCIDEM

QUE CONTORCENDO A MESMA MATÉRIA, LEVANTEM-SE
DANÇAS IMPREVISÍVEIS

QUE TODOS,
NA MEDIDA DA CRIAÇÃO,
PESQUISAM VIDA

A pesquisa poderia ser dita como um acontecimento complexo que tende à ordem?

MAS TENDER NÃO É ALCANÇAR, É TANGÊNCIA:
A MESMA DINÂMICA ESCAPATÓRIA DAQUILO QUE
VAI QUERENDO CHEGAR; O QUE SE ESVAI E QUER
FICAR. A LINHA QUE NUNCA FINDA, MARGEANDO
AS BORDAS, DISSIPA-AS, TRAZ O VISLUMBRE PARA
PERTO E O CARREGA DE VOLTA.

DE TANTO CONFORMAR PASSA
PARA O OUTRO LADO

Se aparecia como compreensão, logo depois
descompreendia.

Distância. E

tinha um motivo: era aquela defesa
desmesurada, que não deixava de
parecer cristalização - a pedra que se
forma no rim, o tumor que se aglomera
em qualquer parte, o trombo que obstrui
a passagem, um corpo padecendo de
fluxo. Essas coisas que acontecem interrompendo
alguma escala do vivo.

(MAS TAMBÉM ELAS GERAM OUTRAS COISAS VIVAS)

virtuosa / deus / almas

encontrar-se / perder-se
superpor-se / justapor-se
compor-se / romper-se

O diário - a conexão íntima
da palavra escrita - pensamento
expresso - pensamento
continuada / descontinuada
Paralelismo / antinomia
Tangência / interseção
o mesmo / o outro
diferença / repetição
autenticidade / discreditação

fluxo / pausa
labirinto
Palimpsesto

retorno
Aulano

Um tumor é vida. Não para o corpo que o abriga — para ele mesmo, que apresenta força tal capaz de deformar o anfitrião. Ingrato, esse hóspede não quito. Também as pedras, seres vivos ingratos do reino mineral — rins, ureteres e uretra irão concordar. E, por enredamentos minuciosos, pedaços do próprio corpo se rebelam em motins e aghutinam o que deveria ser fluido. Corpo contra corpo. Então, mesmo o movimento pode ser letal ou trazer outros prejuízos, porque há nele a continência de seu anti:

movimento do anti movimento,
e o contrário.

equipamento
 de construção
 aion - chonch
duracão + passagem
 sobre o rio

NUNCA SE SABE A EXISTÊNCIA COMPLETA DE UM EMBRIÃO ANTES QUE ELE VIVA TUDO. É COMO O OVO QUE SE TRANSMUTA EM FORMA VIVÍVEL PARA EXERCÊ-LA: NÃO TERIA COMO SABÊ-LA DE OUTRA FORMA. ASSIM ACONTECE TAMBÉM COM O PENSAMENTO, POR ISSO NÃO SE ALCANÇA SUA PONTA. QUALQUER INFLEXÃO: DESVIO E JÁ UMA NOVA ROTA.

QUAIS OS MOVIMENTOS SUTIS DE VIDA NECESSÁRIOS
PARA QUE UM PENSAMENTO NÃO MORRA?

// INTERESSE QUE ME OCORRE PARA DELINEAR AMEAÇAS DE
EXTINÇÃO //

COMO UM PENSAMENTO SE MANTÉM VENTANDO NO DECORRER
DO TEMPO?

QUAL TRAJETÓRIA ELE ALINHA?

QUAL A VARIAÇÃO GRÁFICA DE VIDA TRAÇADA PARA A
SOBREVIVÊNCIA DE UM PENSAMENTO?

E, POR OUTRO LADO,

QUAIS AS INCURSÕES DE UM PENSAMENTO NA
FORMA VIVENTE?

4
 sistema inventando - o
 inventar. coletivo é sistema de invenção, sistema inventar.
 coletivo convoca o comum, o objetivo, as passagens, as ...
 lidade. Dato político que nos faz existir para o coletivo é coletivo. O
 sigão, que, por sua vez, é, também o de uma ética da metareta
 der um ato político cujo sentido imamente é o da ética da compen
 quando entra dentro do passado nos apelo do devir, significa empre
 tornar irreversível. Inventar o novo em se opor a tradição, que
 presença de trabalho inventivo que se volatiliza em proveito que se
 * Quando um objeto se encontra em obsolescência, é uma importante

CARRINHO DO BISPO DO ROSÁRIO CARREGANDO BENJAMIM
NO VENTO DE PAPEL E LETRAS DAS PÁGINAS ESCALITAS

FAZER DO PENSAMENTO, OFÍCIO, RECORRE ESTADO: CRIAÇÃO.

PENSAR É PROPOR-SE A DÚVIDA, DISPONIBILIZAR-SE A ELA,
QUASE COMO UM SACRIFÍCIO RITUALÍSTICO QUE DEMANDA ABERTURAS
PARA QUE O FECHAMENTO SE REALIZE.

(PORÉM PERDEU-SE A CHAVE)

HÁ QUE SE RESSALTAR A CALIGRAFIA PRÓPRIA DE CADA PENSAMENTO,
POIS, COMO EXIGIR QUE AS PALAVRAS SEJAM ENCARRILHADAS
SEGUNDO OS MESMOS DITAMES, SE AS IDEIAS NÃO O SÃO?

Algo dinâmico

Causa CONTÍNUO

Adesão

Descontinuidade

das coisas

originalidade

que é processualidade pura

que induz em si as di-
versas

Exclusão da natureza

sem se o de vir a ser

de diferenciação

que contempla a metamorfose

a mudança é grandemente

Desenvolve-se e produz

5.º) primeiro que é diverso

página seis

SURTIU, TORNANDO-SE.

UM CORPO GRÁVIDO QUE PARIU E NASCEU UMA MÃE.

NÃO FOI PROCURADA, FOI ENCONTRADA. *eu não buco,*

NÃO FOI TOMADA, TOMOU-SE — *eu acho.*

TANTO QUE NÃO PÔDE ARAR ATÉ QUE O PRAZER E A DOR
DAQUELA VIDA TODA FOSSEM ARRANCADOS. AQUELES RESÍDUOS
RASTEJANTES DE ALGO IMENSURÁVEL ERAM O FILHO.

OU TALVEZ NÃO DEVESSE CHAMAR ASSIM, POIS NÃO TINHA
UM PAI E UMA MÃE; TINHA OS DOIS JUNTOS, DE UMA VEZ
NO MESMO, QUE ERA TAMBÉM OS TRÊS. A QUEDA DAS
PAREDES ERA QUEBRA. UM CORPO MAIS SELVAGEM QUE O
TEMPO, QUE SE FAZIA TUDO.

UMA ÁGUA - TEMPO

UMA PELE - TEMPO

UM OVO - TEMPO

AS METÁFORAS NECESSÁRIAS PARA DIZER O QUE NÃO SABIA,
MAS DIZIA.

AS CONTRAÇÕES VINHAM COM A MESMA INTENSIDADE DAS
CONTRADIÇÕES, A MESMA INTENSIDADE DA INTENSIDADE.

a versacidade da vida toda, que não tem
tamanho.

REVERBERAVA O TINTILAR NADANTE, A VIBRAÇÃO SINCRONIZADA
E ESTRATÉGICA DE MINUSCULAMENTE PARIR A VIDA.

CORPO CONTRA CORPO. E, DO PARADOXO, O VIVO EXTRAÍDO
SEM SER ESMAGADO — PULSANTE.

A MÃE QUE VAI NASCER-SE
O BEBÊ QUE VAI TORNAR-SE

ENTRE O NASCER E O MORRER, APENAS UM VERBO, SUFICIENTE.

(NA CASINHA DO DIZER,
UM CALAR)

AGORA HAVIA SOMENTE UM SILÊNCIO DE SILENCIAMENTOS RUMINOSOS;
O SILENCIAR DA SELVAGERIA QUE NÃO SE DOMOU, NEM FOI DOMADA
— APENAS tornou-se mais, e isso foi muito: COMO AS
BONECAS RUSSAS: BUSCA: E ENCONTRO COM O VAZIO.
"Não lute contra o vazio. Não lute contra nada"
(eu não busco, eu acho)

Não lute contra nada...
Que alívio.

... um espriar-me

DEIXE-ME-SER AQUI, EM MEIO CORPO/ TÁGMA

Aquele confronto já monótono e entediante
agora estava amordaçado em nome
do meu silêncio. Não era mais preciso
falar baixo, não era mais preciso falar
nada, nem era preciso mais falar.
A gargalhada voltou estridente, incômoda,
pulminante; havia fugido do campo
estéril. E toda fala que necessitei,
a fala da vida toda, que não tem
tamanho,
toda fala era grito.

QUASE ABORTADO
MAS VIVO, AFINAL

torcendo-se

QUAIS OS MOVIMENTOS SUTIS DE VIDA NECESSÁRIOS
PARA QUE UM PENSAMENTO NÃO MORRA?

// INTERESSE QUE ME OCORRE PARA DELINEAR AMEAÇAS DE
EXTINÇÃO //

COMO UM PENSAMENTO SE MANTÉM VENTANDO NO DECORRER
DO TEMPO?

QUAL TRAJETÓRIA ELE ALINHA?

QUAL A VARIAÇÃO GRÁFICA DE VIDA TRAÇADA PARA A
SOBREVIVÊNCIA DE UM PENSAMENTO?

E, POR OUTRO LADO,

QUAIS AS INCURSÕES DE UM PENSAMENTO NA
FORMA VIVENTE?

CARRINHO DO BISPO DO ROSÁRIO CARREGA
MOMENTOS DE ORAR E ELEIÇÕES DAS O

NÃO HAVIA A INTENSIDADE DO FIM. NÃO HAVIA FIM.

O TORNEAR-SE NÃO CAUSAVA DE VIVER (E, SE CAUSASSE,
DESCANSAVA).

ENTRE UM CONTOURNO E O ENTORNO, TUDO

— TODA A CONTORÇÃO NECESSÁRIA PARA DESVIAR A LINHA
E DISSOLVER O TORNEAR — AQUELE PLASMA QUE
CUSTAVA A INCRUSTAR, O AMÁLGAMA DISSOLVIDO EM
QUALQUER COISA — UM TUDO ÀS AVESSAS E DIRETO,
ABSOLUTO SEM SER.

PORTORNAR-SE E ENTORNAR-SE
(DAVA NO MESMO LUGAR, AFINAL)

ESSE PARIR DECORRE DA PAIXÃO.

NÃO UMA, NEM TODAS: A DA VIDA TODA.

DIZÊ-LA IMENSURÁVEL É REDUNDÂNCIA,

POIS NÃO HÁ TAMANHO NA VIDA TODA.

"uma existência do tamanho de você"

DECLARAVA PLASMADA

A CADA AGIGANTAMENTO ACHADO

NA ENCRUZILHADA.

eu não busco, eu acho.

ESSE PARIR DISCORRE DA PAIXÃO.

COMO CONCEBO A VIDA E COMO ELA SE FAZ CONCEBIDA EM MIM.

O PARTO, DESEJO MAIS DESEJADO — ALIÁS:

O DESEJO É JÁ GRÁVIDO DE MÁXIMO.

página um

POR QUE UM DIÁRIO, SE EXISTEM OUTRAS FORMAS?

Para dar forma à matéria que desejo
- o pensamento - o traçado de um
caminho que é dele, não meu.
Toda poluição toda turbulência toda
confusão toda - bolsa-rêta:
a violência necessária para quebrar
as paredes e liberá-lo.

LIBERAÇÃO OU LIBERTAÇÃO?

Aqui estão os loucos. Os desajustados. Os rebeldes. Os encrenheiros. Os que fogem ao padrão. Aqueles que vêem as coisas de um jeito diferente. Eles não se adaptam às regras, não esperam o sinal certo.

Você pode não acreditar, mas a vida é mais curta do que você
 imagina. E a única coisa que você pode fazer para não se arrepender
 é viver a vida que você quer.

[illegible]

[Faint, illegible text visible through the paper]

...que tem a natureza de um juízo
...nem representam os bens que

02

[Faint, illegible handwritten text visible through the paper.]

52 mm
10.11.83

Os enfi-
que
ao se ad-
espera
os de
que a
Pod-
em r

...que el mundo es un teatro...

...the voice...

... como l...

[Faint background image showing a classical painting of figures.]

...e

et p[ro]p[ri]os

qualquer-coisa

quase-nada

Não havia um prisioneiro; o que havia era um não. Não **qualquer-coisa**, que precisava de existência. Embora já existisse, era sempre e somente sob certos aspectos e intensidades — precisava de mais. Pedia uma passagem, uma brecha, uma festa — qualquer coisa para uma não qualquer-coisa. A casquinha do ovo que se deixa rachar. Esperava, então, sua hora — o momento **quase exato** de ser chocado, a liberação do pensamento vivo.

Phonem e a mulher o pensamento e o viro

com um pelo fance no que existi mais
e com o mesmo attitudin e a no plegas sobre ali-
mosmos!

queria tornar-se, não mais pela sombra do que havia sido negado. A falta não via do lugar (não saía), mas já não era necessário, nem possível, deixá-la ocupando a página. Se havia mais, uma qualquer coisa de qualquer-coisa nele, clamava por exercê-la. Era o espaço do encontro, uma superfície, a certidão de um nascimento. A liberdade não lhe aparecia como demanda ou cobiça — antes disse: era uma ~~história~~ história que não tinha nome, nem personagens. Uma história sem história. Como o casamento: uma ideia sem corpo. Agora, ela haveria de ser erguida e povoada — a vida finalmente.

DIANTE DA EXPERIÊNCIA DE SER, ESTAR E EXISTIR, GOZOU
DE SEUS POSSÍVEIS, SEUS PRÓPRIOS POSSÍVEIS E SEUS OUTROS.
OS LIMITES QUE UM PENSAMENTO PODE, BEBENDO DOS LUGARES
QUE SE FAZEM SEDE — NÃO SEDE: LIVRE PARA SER SEDENTO APENAS
QUANDO PRECISA E, ENTÃO, BEBER DAS FONTES QUE DESEJE.

O LABORATÓRIO, O ATELIER, O ESCRITÓRIO,
TODAS AS SEDES EDIFICADAS EM MAGMA, VIABILIZANDO
CIRCUITOS IRRESISTÍVEIS PARA A CONCEPÇÃO DE UM VULCÃO.
LAVA SOB LAVA, CEDENDO AS LINHAS FLANJEANTES DE ELÉTRONS
QUE SE DESLOCAM COM A FORÇA DE UMA VONTADE.
ALGUMA COISA, MESMO QUE AMORFA, INSUPORTÁVEL, INCOMPATÍVEL.
UMA ERUPÇÃO QUE NÃO SE PODIA MAIS SILENCIOSA.

Aquele grito da vida toda,
que não tem tamanho.

terra imaginada, gases imaginados,
desafios circulantes, desproporções,
e redobras

UM PENSAMENTO QUE FUGIU — PASSOU PELOS LUGARES E...
...E...S...C...A...P...O...U, SEMPRE QUERENDO CHEGAR.

SEU CAMPO NUNCA FOI, SENÃO, ESSE DA MOVÊNCIA, DO
DIZER QUE NÃO DÁ CONTA, DO QUE ÀS VEZES PARECE
NÃO SE ALCANÇAR.

A SUA PONTA.

amparar, tudo quanto o dia
 parece, que está dissipado,
 reabrindo, colado, negado,
 tudo que é culpa, na a-
 natureza humana, e
 contra a sede do mar-
 milhão...
 "invenção, os enganos, os
 arrependimentos, as desilun-
 ções, os sacrifícios, os emprios
 timos, os subterfúgios, os
 amos..."

Esse pensamento que fligia pulou na minha cama, depois quis a maca, roubou minha memória, entranhou minha retina - queria estar em todo lugar, apesar de fugir sempre. Escorria na parede, iluminava a atmosfera, tirava meu sono e, quando eu dormia, deitava em mim. Não me deixava e parecia não se cansar - uma ideia outra ideia ainda mais outra e outra e outra.

Às vezes eu hesitava, tentava parar, mas ele me queria: ficava, persistia em se multiplicar até que eu, ele me deslumbrasse novamente - e continuava...

As horas eram objetos moldáveis. A noite virava dia que virava. O tempo à disposição desse um pensamento. Uma vida à disposição de outra - a vida toda,

que não tem tamanho.

QUAL SERIA A SUBSTÂNCIA ADEQUADA À MATÉRIA-PENSAMENTO?

COMO DAR FORMA A SEU CORPO SEM QUE FOSSE ESMAGADA?

QUAIS AS CÉLULAS PLAUSÍVEIS?

QUAIS AS CAMADAS NECESSÁRIAS PARA SEU REVESTIMENTO?

QUAIS OS FLUIDOS CABÍVEIS, E OS DESCARTÁVEIS?

COMO TECER SUTILEZAS EM VELOCIDADES INESTIMÁVEIS?

QUESTIONAMENTOS SUSCITADOS POR UMA DISSECAÇÃO EM REVERSO:

EM LUGAR DE TIRAR, POR.

CHEGAMOS, ASSIM, NUMA SUPOSTA EMBRIOLOGIA DO PENSAMENTO —

SEU CONTINENTE DE SEMENTES, TODO O GUARDADO DO OVO

QUE UM DIA SERÁ FISSURADO.

Foto - opelia - Lúci fer Lúcia

Do mais denso grafite ao mais cristalino diamante.

- Entre a luz e as trevas
+ imenso entre.
- infinito será a escala
de cinzas.
- infinitos serão os
meus - tons
- ~~Quanto~~ ^{as} cinzas
~~foram~~ ^{as} ~~insuportáveis~~ ^{quais}
vezes que se fará
a ~~transição~~ ^{transição} de cada
escala
infinita ~~uma~~ ^{uma} luz
será os meus
- ~~com~~ ^{com} formas - se

página dois

Alguns substantivos são prepos de adjetivo.

— Como foi lá?

— Um caes.

— Um fenômeno.

— Um encontro.

ATA (ACTA):

O REGISTRO É O FATO.

A PALAVRA É O ATO.

ALGO ATRAVESSA VESTÍGIOS NO PAPEL.

ESTÂNCIA
INSTÂNCIAS
CIRCUNSTÂNCIAS

— TODAS EM PROL DA MESMA CAUSA :
UMA FORMA DE ESTADO VIVO QUE SE QUER.

[illegible]

— UM SUBTERFÚGIO.

SE A MEMÓRIA É PASSÍVEL DE REGISTRO, DESÁGUA COMO VERSÕES
VIVÍVEIS A CADA PÁGINA. UM COTIDIANO ESCUTADO

(EXTRA)ORDINÁRIO

UM DIÁRIO

QUANTO HÁ DE MEMÓRIA NELE —
O QUE HÁ DE DIÁRIO NELA ?

O íntimo (t) em degraus

ENQUANTO TENTAVA RESISTIR,
ERA ARRASTADA

(um sussurro na escada)

QUE ESCALA SERIA CAPAZ DE EXPRESSAR
O QUE A MEMÓRIA ALCANÇA PARA DIZER
DO ACONTECIDO? MAS O TEXTO É ACONTECIMENTO.
ENTÃO NÃO IMPORTA. AS FORÇAS JÁ ESTÃO LÁ,
QUE É AQUI.

ÀS VEZES, É PRECISO SOMENTE DAR O CONTO RNO PALAVREADO
— OUTRAS, BASTA DERRAMAR O ENTORNO, DEIXÁ-LO
REVELAR O VAZADO...

... QUERIA TOCAR O
CONTORNAR-SE E ENTORNAR-SE
(DAVA NO MESMO LUGAR, AFINAL)

im/possible

UMA ESPÉCIE DE INTIMIDADE: TEXTO E PENSAMENTO

SENDO, ESTANDO E EXISTINDO.

QUAL A DISTÂNCIA **impossível**?

O ÍNTIMO QUE DIZ RESPEITO AO MUNDO. TÃO PERTO, TÃO PERTO,
QUE ESTÁ LONGE. SE HÁ UMA LUTA: QUE AS TORÇÕES DE UM
NÃO ELIMINEM O OUTRO, PARA QUE AMBOS SOBREVIVAM —
MAS, AO FINAL, TEXTO E PENSAMENTO JÁ NÃO ESTARÃO LÁ,
SENÃO COMO O MESMO, QUE JÁ É OUTRO. (O FILHO QUE
NÃO TINHA UM PAI E UMA MÃE; TINHA OS DOIS JUNTOS, DE
UMA VEZ NO MESMO, QUE ERA TAMBÉM OS TRÊS)

TESSITURAS DE UM HERMAFRODITISMO VARIANTE —
A VOZ DÉRMICA DE ROUPA ESCULPIDA.

Caderninhos de pele.

um plano, uma cola, um muro

um risco, um traço, um rasgo

uma máquina, um fio, um poro

um espirro, uma tampa, um tombo

(um sussurro na escada)

um porquê.

página três

PORQUE É PEQUENO DIZER DO QUE É IMENSO.

Hoje quis entrar no Túnel do trem e trilhar mais rápido que ele, correr sem parar, até que toda aquela euforia estivesse saciada.

ESTAVA MAIOR,
ESTAVA O QUANTO PODIA.

A euforia era anônima — e isso fazia toda diferença. Não tinha motivo, nem explicação; não era dotada de documento que lhe acusasse uma origem. Causava, assim, prazer ainda maior: uma liberdade clandestina que se dizia sem nome — estado bruto de um acontecimento. E era deslizando pairar sobre ela

... UM PAIRAR — SE

O PENSAMENTO SUSSURRA:
UMA FALA QUE É ESCUTA

No instante em que me grita, já está acontecendo e não quis mais parar. Andou, andou-andei, não queria o estancar. Estava disposto a percorrer aquele túnel pelo resto da noite. Queria luz de faróis, ar ameno de último dia de outono (a primavera que não quis esperar), queria comer a noite, como quem devora a casa. Mas todo abrigo querido tinha se tornado tocaia, a armadilha de um encontro maldito - o incontível que havia lá. A presa era uma fera, mas já não tinha como voltar. Como cessar o combate que nem desconfiou começar? (Não sabia que duvidar era lança apiada. Que questionar arquitetava estratégias sutis de desmanche. Apenas iniciei por onde acreditava)

Sábios são os grãos de limalha:
a rota é desviada
e há neles o vislumbre da
atração forasteira

página quatro

A VOZ QUE FALA, ESCUTA -
SE EMUDECE, ENSURDECE - SE

"Nada a declarar"

(pareceu um bom título)